

**FOLHA DE S.PAULO**

## Com atuações precisas, versão da peça 'O Bote da Loba' debate miséria afetiva

**VALMIR SANTOS**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

18/01/2017 02h15

Inevitável entre ouvir a voz de Nelson Rodrigues (1912-80) na história da mulher que apela a uma cigana para ler a mão, reclama da falta de desejo no casamento e termina a sessão radicalmente transformada.

O diálogo digno da voltagem erótica de certas peças do autor de "Álbum de Família" pertence ao santista Plínio Marcos (1935-99). "O Bote da Loba" é texto curto concluído dois anos antes de sua morte. A conversa de duas mulheres evolui como um ato sexual, das preliminares ao gozo, das couraças à libertação.

A guinada da imoralidade social de suas peças para o falso moralismo burguês, aqui encarnado na repressão sexual, é um dos traços da dramaturgia de Marcos na sua última década de vida.

Lenise Pinheiro/Folhapress



Atrizes Anette Naiman (à esq.) e Luciana Caruso em cena da peça 'O Bote da Loba', no teatro Garagem

Fase "mística" de mergulho pessoal no tarô e de cutucões na sexualidade da classe média. "A Dança Final" (1993) e "O Bote da Loba" (1997) são antípodas na impotência masculina e na frigidez feminina, respectivamente.

Em montagem até então inédita em São Paulo, Marcos Loureiro potencializa o trabalho das atrizes na escala intimista do drama e da sala diminuta do Teatro Garagem, de 30 lugares. A proximidade rende composições precisas.

A atriz Luciana Caruso esculpe a contrição gestual de Laura, a consulente amparada em retidão religiosa no início. Há cadência tanto no recato como na lascívia, despida da capa de histeria -antes impressa no olhar.

Anette Naiman é a quiromante Veriska, autointitulada bruxa, figura espectral que diagnostica os sintomas e ataca os pontos fracos no jogo de dominação e entrega. Em vez de predizer a sorte, ela é taxativa: "Não há futuro".

Loureiro circunscreve bem o tempo contínuo das cenas entre paredes acarpetadas, incenso ostensivo, luz de vela, um altar sincrético e um irônico divã de set psicanalítico.

Plínio Marcos presumia um segundo ato em que espectadoras, sobretudo elas, discutissem a obra. A produção convida ao debate após a apresentação. Duas décadas se passaram e muita coisa mudou na autonomia da mulher sobre os seus desejos.

O espetáculo coloca isso em perspectiva diante da sociedade patriarcal, raiz do feminicídio. Problematizar a miséria afetiva não é anacronismo quando a realidade brasileira segue parindo imagens brutais.

#### **O BOTE DA LOBA ★★★**

**QUANDO** qua. e qui., às 21h; até 30/3

**ONDE** teatro Garagem, r. Silveira Rodrigues, 331, tel. (11) 99122-8696

**QUANTO** R\$ 40

**CLASSIFICAÇÃO** 16 anos

---

#### **Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1850716-com-atuacoes-precisas-versao-da-peca-o-bote-da-loba-debate-miseria-afetiva.shtml>

---

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.